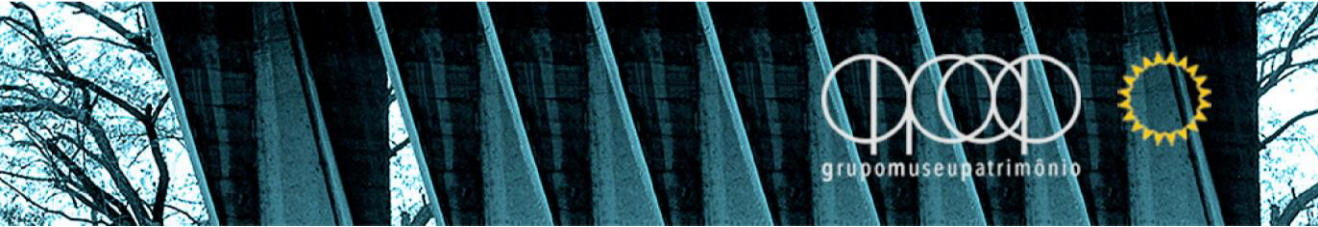


homenagem à vida de

Luiz recamán





Homenagem à vida - Recamán

Amanda Saba Ruggiero

*Universidade de São Paulo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, São Carlos -
SP, Brasil, amanda@usp.br*

Homenagem à vida - Recamán

Luiz Antônio Recamán Barros, docente do departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da FAU USP é neste caderno homenageado como amigo, colega, professor e Editor Chefe da revista ARA.

Luiz Recamán participou do conselho editorial desde o segundo número da Revista ARA, em 2017. Na terceira edição da revista ARA PYAU 2017, publicou o editorial *A difícil tarefa de ver*, em que a fluidez entre filosofia, crítica e a estética articulou-se com maestria ao debater o jogo (In)visível na arte, temática cuja dimensão *"vai além das questões imanentes da obra, avança para a sua institucionalidade, sua recepção de massa, sua autoria e originalidade, a simultaneidade entre obra e pensamento, positividade e negatividade"*. (Recamán, 2017)

A partir da quarta Edição da Revista Luiz Recamán participou como editor Assistente, e assumiu a posição de Editor Chefe a partir da edição ARA 8, cujo tema versou sobre *Imagem e Deslocamento*, em 2020.

Na edição ARA 10, a temática *Experiência Sintoma Fresta* reuniu trabalhos comentados por ele no editorial *Quebrar, ou juntar, para prosseguir*, momento difícil com a insistente sombra da pandemia a cobrir relações vividas por meio da interface entre telas. No desfecho do texto ressaltou: *"Resta saudar o resultado desse esforço coletivo, que se realizou para além das habituais sobrecargas de trabalho. Desta vez, um sentido de urgência e de coletividade emergiu desta aventura: pensar, produzir, avançar em tempos de medo e cuidado. Como temos visto nestes últimos meses, arte, cultura e pensamento de repente tornaram-se gêneros de primeira necessidade."* (Recamán, 2021A).

No consecutivo editorial da ARA 11, ainda em meio às circunstâncias insólitas vivenciadas por todos, a publicação procurava capturar o fundamento em realizar uma revista acadêmica voltada à cultura artística, *"capturar as sensibilidades possíveis que assomam na realidade presente"*. Ao final do editorial permitiu-nos aprofundar a reflexão sobre a dura realidade e enfrentá-la: *"A leitura e a arte têm nos salvado. Essa é uma das novidades de nossa condição cada dia mais excepcional. Algo aí existe - e resiste - que persevera num sentido humano, muitas vezes desacreditado. Pode ser, isso também, mais uma ilusão. Mas não sabemos, mesmo porque, está em movimento, em disputa. Tentemos apreender o seu ritmo. Boa leitura a todos!"* (Recamán, 2021B).

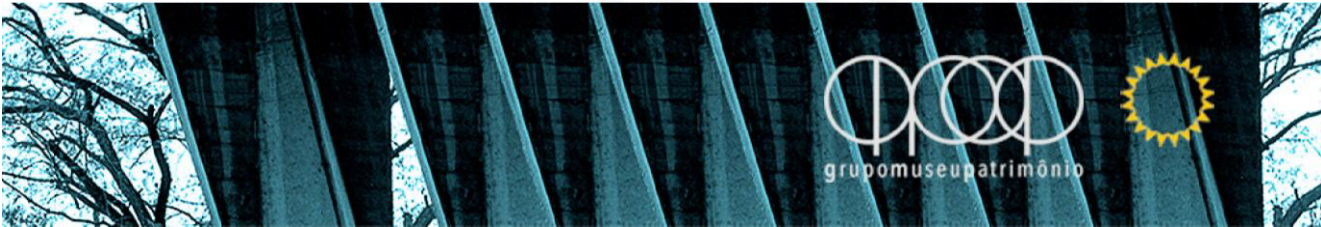
A presença, o trabalho, a contribuição intelectual, comprometida e afetuosa de Luiz Recamán deixa para toda equipe da Revista ARA o grande desafio em perpetuar seu legado. Lamentamos imensamente sua ausência, e prosseguiremos empenhados em construir um mundo melhor por meio da reflexão crítica, do ensino, da leitura, da arte e da produção acadêmica, assim como ele nos ensinou de forma brilhante.

Em nome da Editoria ARA e do Grupo GMP, agradeço o aprendizado e o convívio com nosso editor Recamán.

RECAMAN, Luiz. A difícil tarefa de ver. Revista ARA, São Paulo, Brasil, n. 3, p. 5–7, 2017. [DOI: 10.11606/issn.2525-8354.v0i3p5-7](https://doi.org/10.11606/issn.2525-8354.v0i3p5-7). Disponível em: <https://revistas.usp.br/revistaara/article/view/139422>. Acesso em: 31 ago. 2024.

RECAMAN, Luiz. Quebrar, ou juntar, para prosseguir. Revista ARA, São Paulo, Brasil, v. 10, n. 10, p. 5–10, 2021 A. [DOI: 10.11606/issn.2525-8354.v10i10p5-10](https://doi.org/10.11606/issn.2525-8354.v10i10p5-10). Disponível em: <https://revistas.usp.br/revistaara/article/view/182174>. Acesso em: 31 ago. 2024.

RECAMAN, Luiz. Editorial ARA11. Revista ARA, São Paulo, Brasil, v. 11, n. 11, p. 5–8, 2021 B. [DOI: 10.11606/issn.2525-8354.v11i11p5-8](https://doi.org/10.11606/issn.2525-8354.v11i11p5-8). Disponível em: <https://revistas.usp.br/revistaara/article/view/192089>. Acesso em: 31 ago. 2024.



Um retrato de/para Recamán

Marcos Rizolli

*Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo - SP, Brasil,
marcos.rizolli@mackenzie.br*

Um retrato de/para Recamán

Um homem de olhar reflexivo e sorriso difícil. Contudo, gentil e acolhedor.

Conheci Luiz Recamán na *Revista Ara*, nos encontros do conselho editorial.

Assumi a editoria da revista com afinco, responsabilidade e serenidade, reafirmando a original conduta editorial.

Sendo, eu, alguém do mundo das visualidades, sempre que penso em uma pessoa evoco a sua imagem. Assim, decidi realizar minha simples e sincera homenagem ao Recamán através da configuração de um retrato - uma memória visual.

Então, pensei sua imagem como estrutura, entre grafias e pictoriedades, adicionando ao retrato as linhas de expressão e os lavados de azul e lilás – num procedimento combinado entre manualidade e digitação.

Entre a Arquitetura e Urbanismo, as Ciências Sociais e a Filosofia, sempre pensou a cidade e a sociedade por intermédio de intensas e críticas reflexões sobre o desenvolvimento dos espaços urbanos contemporâneos.

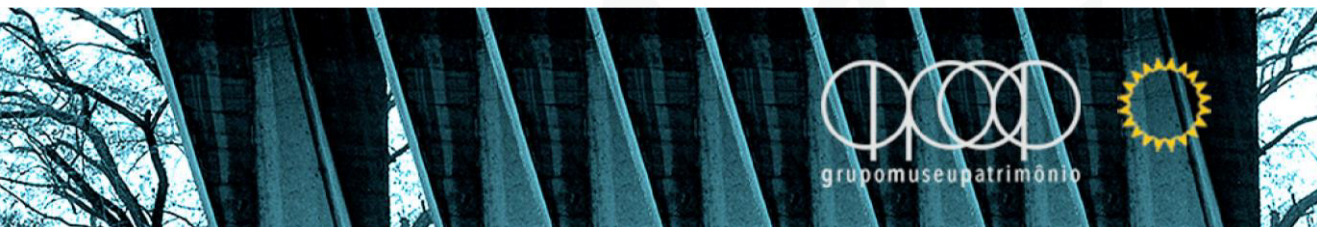
Para pensar a cidade, exerceu a cultura! Posicionando os sujeitos no centro de suas preocupações.

Nada mais legítimo, enfim, do que fixar a sua imagem em Arte.

Figura 1: Luiz Recamán



Arte: Marcos Rizolli, 2024



Luiz, três vezes

Jaime Solares Carmona

Yale University, New Haven, Estados Unidos, jaime.s.carmona@yale.edu

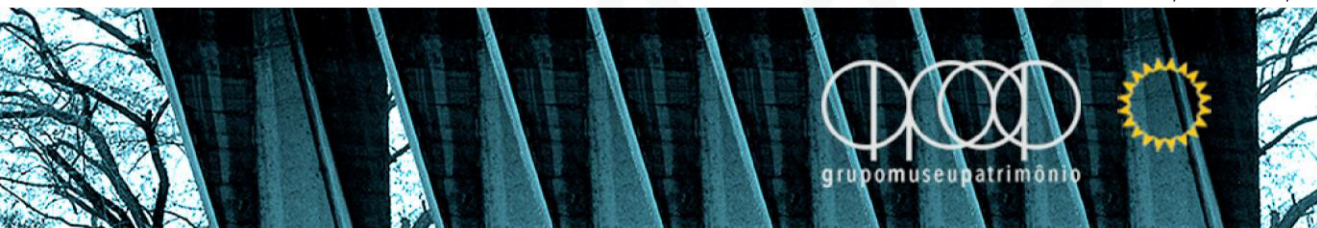
Luiz, três vezes

Na minha derradeira conversa com Luiz sua voz estava quebrada. Ele não quis fazer videochamada como era de costume. Naquela brevíssima ligação, que claramente solicitava muito dele, me despedi do meu mestre. Luiz usou o resto de sua voz para me guiar uma última vez. Ele nunca, nunca, negou me ajudar quando pedi. Ele amava o conhecimento. Mas amava mais ainda as pessoas.

Antes disso, minha mais afetiva memória foi no lançamento de seu livro em 2023. Congregando admiradores e pupilos, me lembro de como ele estava radiante, franca e absolutamente feliz, quase que numa despedida antecipada. Sempre muito reservado, o vi aberto, carregando o sorriso de quem sabia que tinha frutificado.

Antes disso ainda, tive a honra de visitar a Casa de Barcos do Artigas com ele. Ao invés daquele olhar distanciado e turrão que alguns catedráticos portam, Luiz admirava aquela obra com a doçura de um menino. Ele me ensinou ali que a gente só pode criticar o que ama. Que uma boa crítica só pode nascer de uma impossível mistura de admiração e resistência. Que só quem ama tem a coragem de fazer as perguntas difíceis.

Luiz tinha a gentileza, e a ousadia, de perscrutar o mundo por amor.



Recamán: professor, orientador, escritor

Raphael Grazziano

*Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC, Brasil,
raphael.grazziano@gmail.com*

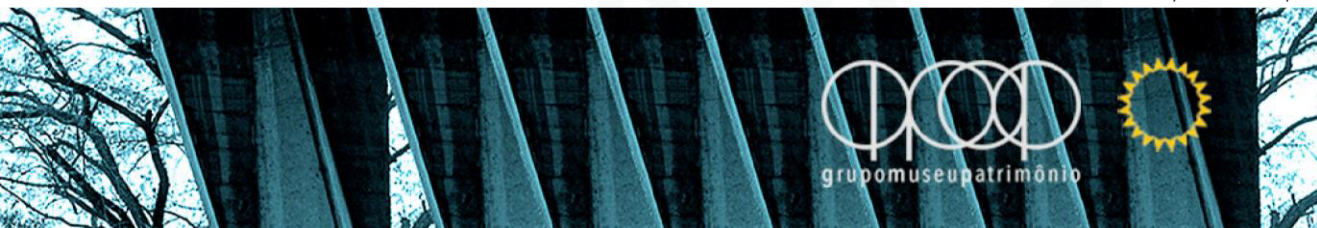
Recamán: professor, orientador, escritor

O pensamento de Recamán era sempre uma iluminação, que para mim se consumava de três modos.

Como professor, ele se pronunciava sentado, a fala sem efeitos de oratória. O exame teórico era uma espiral cada vez mais complexa, aclarada por analogias com um filme em cartaz, uma passagem de ficção ou poesia, uma canção. A aula não deve ter roteiros, uma vez me disse ele, porque senão se torna mecânica, e não uma experiência que possa ser reveladora até ao professor.

Como orientador, as reuniões se organizavam pela intuição que girava em torno do tema. Eram comuns os momentos que, em meio a comentários das notícias políticas mais recentes, ele realizava sínteses fantásticas e articulava subitamente assuntos aparentemente distantes.

Como escritor, montava ensaios de um estilo muito próprio, do léxico à sintaxe e à argumentação, o que sempre me levou a uma leitura muito prazerosa e curiosa. Me impressiona como suas palavras parecem tão exatas, como os raciocínios são tão bem articulados, como seus textos – assim como aulas e orientações – podem ser estudados inúmeras vezes e, contudo, continuam ao mesmo tempo enigmáticos e frescos. Eram escritos na cabeça, me dizia ele: quando o conteúdo estava mentalmente resolvido, só faltava transcrevê-lo. Me escreveu ele uma vez: o importante é o texto, o que está registrado, as conversas vão e vem. A palavra escrita é o que resta, e a sua certamente permanecerá esclarecedora.



Luiz Recamán

Fernanda Magalhães

*Universidade Estadual de Londrina, Londrina - PR, Brasil,
fermaga62@gmail.com*

Luiz Recamán

O Luiz entrou na minha vida em 1988, no IAC - Instituto de Arte e Cultura da UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, MG. O curso era a especialização “Arte e Cultura Barroca”, a turma grande, por volta de 40 alunos, que se estendeu por dois módulos, janeiro e julho de 1988. Os alunos vieram de muitos lugares diferentes do Brasil e aqueles encontros, subindo e descendo ladeiras entre neblinas, chafarizes, igrejas, treliças, grandes janelas e portas, anjos e santos barrocos, pinturas, praças, cemitérios, rios, tudo fluindo entre os desclassificados do ouro, o barroco da alegria, muita filosofia, histórias das irmandades, plantas de Aleijadinho nas paredes de pedra, sinos, frontões, concertos de cravo, músicas, poesias, fotografias e nossas histórias se entrelaçando. “Barroco, barroco, barroco mais não cai” foi o título de um filme de 3 minutos em super-8 que rodamos nas escadarias da Igreja de Nossa Senhora do Carmo logo acima do IAC. As experiências vividas nestas serras foram marcantes, determinantes e cheias de desdobramentos nas amizades, nos trabalhos posteriores e nas dinâmicas das nossas vidas. Estas energias estão entranhadas em nossas relações. Com o Luiz havia essa proximidade, eu de Londrina e ele de São Paulo, cidade frequente entre meus trabalhos, cursos e outros eventos que participo. Conversávamos sempre, trocávamos fotos e impressões sobre a vida, os trabalhos, as artes, exposições visitadas, nossos cotidianos e ele sempre com suas considerações precisas. A conversa fluía e era sempre bom conversar e estar perto de Luiz, trocando com ele.

Figura 1: Fernanda Magalhães, Luiz Recamán, Adro da Igreja Matriz de Santa Efigênia, Ouro Preto, MG, 1988



Fonte: acervo da autora

Foram inúmeras vezes que estivemos juntos e fizemos os melhores programas, sempre eram inusitados, gostosos, gastronômicos, culturais e assim fomos nos acompanhando, em fases diversas, das melhores às piores, passamos por tantas coisas nesses anos ... fomos

nos aproximando. Uma amizade linda, preciosa, especial, Luiz mora no meu coração ao infinito. Falar de Luiz é lembrar de experiências importantes vividas juntos. Nos anos que seguiram ao curso estivemos juntos no carnaval em Salvador na casa de Lise, uma ida ao litoral do Espírito Santo na casa de Ulisses, Belo Horizonte na casa de Ulisses, muitas idas à São Paulo e Santos, 2017, quando Luiz foi durante a “Mostra Performatus #2: o que está à luz do nosso tempo, discernimos no escuro”, que participei performando A Natureza da Vida e pudemos passar dias deliciosos juntos. Em minha última passagem por São Paulo, antes da pandemia, Luiz me levou para conhecer a famosa pizzaria no Brás que ele ia com a família em sua infância. Lembro ainda de uma infinidade de programas em São Paulo com ele como um concerto na Sala São Paulo, uma exposição no MASP, um restaurante rural perto da capital, almoços e jantares em sua casa com amigos e sua família, eventos de literatura, um café delícia na padoca - como ele dizia - e muitos outros momentos cheios de afetos.

Figura 2: Autorretrato com Lise Silvano, Luiz Recamán, Leonia Chaves e Ulisses Lins, Adro da Igreja Matriz de Santa Efigênia, Ouro Preto, MG, 1988

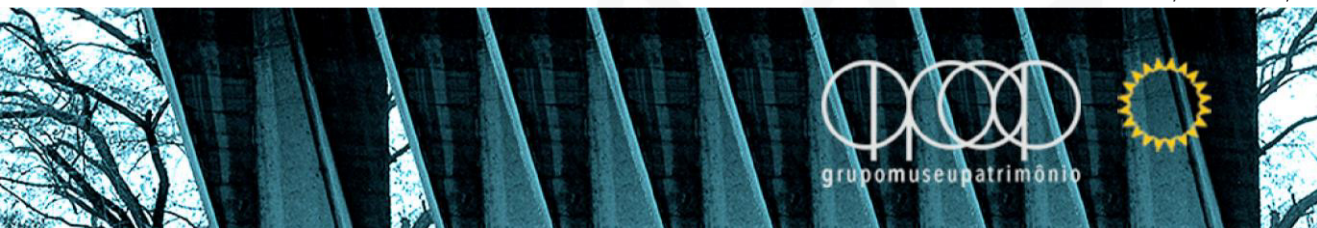


Fonte: acervo da autora

Tem ainda algumas lembranças especiais de Ouro Preto, entre elas, as noites de estudos em grupo no quarto que Luiz morava na pensão vermelha, que tinha uma escadaria de madeira torta de tanto uso e que estralava ao subirmos para o seu quarto. O quarto ficava bem diante da torre na lateral da igreja São Francisco e o sino o invadia como uma miragem, enorme, uma imagem difícil de descrever com toda sua beleza e magnitude, e nós estudávamos nos abismando com a cena. Aquela igreja, Aleijadinho, Luiz, Lise, Suely, Leonia, momentos muito especiais cravados em nós. Uma lua gigante em cima da torre, céu limpo, estrelado, um frio, vento gelado e o sino entrando quarto adentro. Em quantas histórias estávamos mergulhados? E Luiz estava esculpido nos profetas e anjos do Aleijadinho, nos frontões das igrejas. Eram semelhanças que gritavam. Os traços de seu rosto, falávamos sobre isso e eu também me via naqueles anjos, nas dobras e redobras dos corpos. Essas eram nossas conversas-brincadeiras-risadas, entre eu, ele e nosso grupo. Entre nossos encantos e paixões, teve ainda outro acontecimento marcante no segundo módulo do curso. Uma festa memorável que fizemos na casa em que eu estava hospedada

e, na sequência, saímos para fazer umas fotografias naquela madrugada gelada do mês de julho. Programamos a festa como estratégia para ficarmos acordados até mais tarde, esquentando os corpos e as almas, dançando e bebendo pingas mineiras e outras que nos animassem para nossa missão, de um pequeno grupo dentre todos que participaram da festa. Fim da farra e com a pequena turma organizamos tudo e partimos pelas ladeiras para realizar as fotos da colega - a essas alturas já amiga – Leônia, que sonhava em fazer um ensaio de fotos. Filme preto e branco na máquina, foram as luzes do farol do carro e da cidade que nos auxiliaram nos cenários escolhidos como alguns chafarizes, a Igreja de Santa Efigênia e o cemitério logo atrás dela. Pulamos muro, portões e grades de ferro, naquela noite, e nos esquentamos muito com a aventura cheia de entusiasmos, companheirismos, paixões, ânimos e muita vida!

De minha cidade, Londrina, Luiz contava conhecer por algumas passagens anteriores por aqui e sempre me dizia que um dia viria me visitar. E veio, era final de ano, ele indo a Foz de Iguaçu com a família de férias, tempos finais pandêmicos, eu ainda meio reclusa e com um tanto de medos, ele planejou tudo em segredo, marcou hotel em Londrina no meio da viagem e, naquele dia, ele me ligou perguntando se podia vir para o café da tarde, estava chegando na cidade. Uma alegria esse momento, veio, abraçamos, beijamos, foi um café estendido com jantar, pizza e muita conversa gostosa. Foi nosso último encontro de perto. Não estive mais em São Paulo nesses anos que se passaram entre sua vinda em casa e sua partida. Conversamos muito ainda, impressões, fotos, mas, aos poucos, os tempos se espaçaram. O silêncio se prolongou e esse vazio ecoa aqui na sua forte presença nessa ausência que seguiu. O amor e a admiração que sinto pelo amigo querido só crescem a cada homenagem que me chega e cada lembrança que me retoma com frequência. Luiz está sempre presente em mim.



Luiz Recamán

Lise Silvano

Universidade Federal da Bahia, Salvador - BA, Brasil, lisesilvano@gmail.com

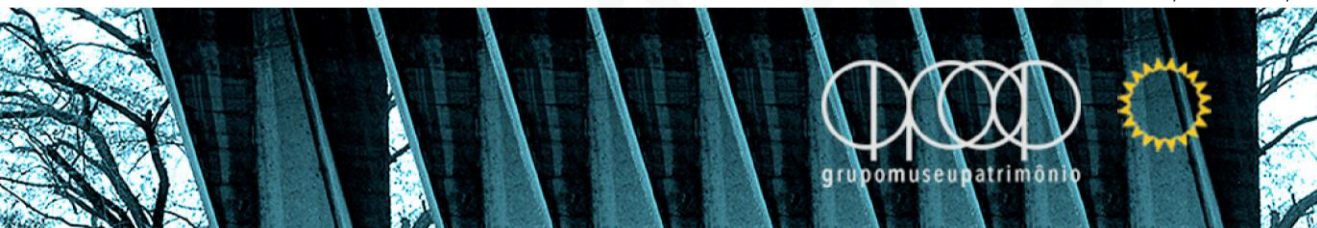
Luiz Recamán

Nestes últimos dias, no nosso Grupo do Barroco, que desde o recrudescimento da doença de Luiz, renomeamos para "Amigos de Luiz" (Achamos Ulisses !!!), discutimos um texto em uma revista acadêmica para homenageá-lo. Nos conhecemos em 1988, em Ouro Preto, em um curso de especialização em Arte e Cultura Barroca (UFOP- IAC). Fomos a segunda turma daquele deságue multidisciplinar frutífero, onde recém graduandos de todas as Federais do Brasil se encontravam numa grade deveras interessante e de peso. Moacir Laterza, Sonia Viegas, Benedito Toledo, José Mecca, Caio Boschi, Harry Crowl, Haroldo de Campos, Mary Del Priore e as noites estreladas sobre as montanhas de Minas e ruelas de Ouro Preto, nos fizeram dançar a dança dos mais lindos encontros: Arte, estudos e vagabundagem profícua! Hum...de nós todos, eu, a única sem carreira na Academia, me retraí como um ouriço. Um texto de homenagem em Revista Acadêmica? Só saberia falar de Luiz com palavras do coração, sem referências ao grande legado e percurso de Recamán.

Em um primeiro passo, contemplo Luiz como um normativo-nada-normativo, um irônico de burilo nos rompantes mais deliciosos do mundo sobre tudo e o nada. Tornou-se o nosso Perfeitinho (era uma escultura cuspida e escarrada de Aleijadinho), em um arroubo de palavras e tiradas, naquele convívio de afetividade fértil. Todas as palavras tão perto dos nossos corações selvagens, com dosezinhas de boas cachaças mineiras. Vagávamos nas noites Ouropretanas consolidando intelectualidades orgânicas. Para mim, a marca de Luiz Recamán: o seu movimento de sobrelhas que dançavam a exatidão da sua qualidade de ironia fina e inteligência admirável.

Ano passado sentíamos falta da sua presença no grupo de zap dos Barrocos e de suas falas precisas, sínteses a respeito dos descaminhos fascistas do Brasil e do mundo. Ao tempo que as manifestações de carinho sempre veladas de pudor nos deram nestes 36 anos de amizade a grandeza do seu afeto.

Cadê Luiz? Quem tem notícias de Luiz? Não nos respondia...Trabalhando tresloucamente e sendo pai do mesmo jeito? Mas não era isso... Choque! Reviravolta nos nossos corações e muita angústia. O nosso muito amado se desprendia deste mundo sem se conformar com isso. Nos desolamos juntos... Luiz se foi... Fica aqui o meu depoimento - homenagem do que é antes de tudo uma perda sem lugar que a ocupe. Como um "copo vazio que está cheio de ar".



Homenagem

Mariana Wilderom

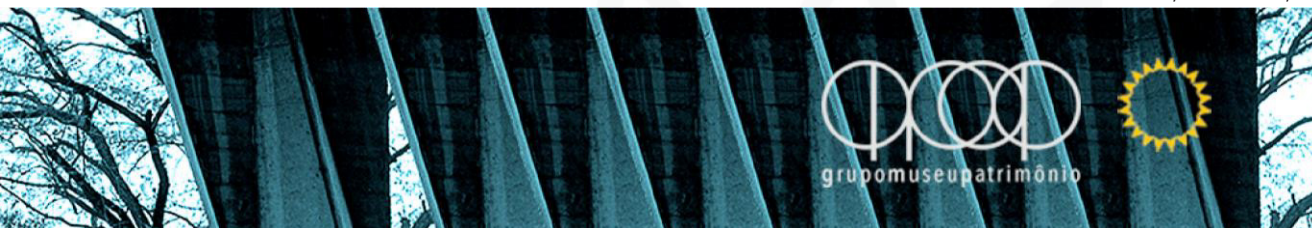
*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo -
SP, Brasil, mariana.wilderom@usp.br*

Homenagem

Orgulho-me de ter dado a Luiz um livro de Natalia Ginzburg¹, suspeito que tenha sido o seu primeiro. E é com a ajuda desta autora que, diante da tristeza de sua perda, conduzo-me por caminhos que relatam não só seu apreço pela escrita, mas o meu pelo modo como ele a tecia. As palavras de Luiz, precisas e econômicas, eram mineradas na torrente de seus pensamentos. Uma a uma, com a exatidão de quem demonstra um teorema matemático. Entre a busca pelo termo certo e o labor das “vacinas” contra incompreensões, às vezes me descrevia os sentidos que desejava, esperando que eu lhe encurtasse o caminho. Pressionada pela tarefa, resignava-me a assistir ao seu ritual. Não que algumas possibilidades não fossem arriscadas. Mas, com o tempo, assentamo-nos em nossos papéis. Passei a dedicar-me ao frescor e ousadia de nossas reflexões, trazendo à superfície algo do mergulho entre textos e autores que, juntos, inventariávamos. Divertia-o quando reclamava que “estava a escavar diamantes, para que ele os transformasse em joias”. Assim, as densas linhas saíam de seus dedos hesitantes, reveladas aos poucos e sob suspense. Enquanto eu, fitando olhos dublê – disfarçando a ausência de um olhar voltado para dentro – aguardava um aceno para que o pudesse interromper com algum remendo ou comentário. Assim tecemos nossos textos, me nutrindo de admiração e afeto, tornando nossas dinâmicas estranhamente familiares.

As linhas de Luiz eram concisas, sim, mas das mais sensíveis e moventes. Como as de Natalia, a quem admirávamos tacitamente pelo talento no ofício. Em 'As Relações Humanas', Ginzburg descreve o fluxo da vida pela centralidade desse “problema”. Convidamos a entendê-lo como tal, deixando de lado um “sofrimento confuso”, para seguir os rastros dessas relações, reconstruindo nossa história ao longo da vida. Ainda não encontrei lugar para a perda de Luiz, nas tramas da vida ou das palavras. Como alerta a autora, ser 'verdadeiramente adulto' não é ter “a segurança de si, nem a posse serena de todas as coisas da terra. Somos adultos porque temos nos ombros a presença muda das pessoas mortas”. A presença de Luiz persiste nas lembranças e na escrita. E, se por ventura e sorte, vigia, o faz com sua característica leveza.

1 Comecei a trabalhar com Luiz em 2015, como sua orientanda de doutorado. Com ele colaborei até pouco antes de sua morte. Sob sua supervisão no pós-doutorado, inaugurei o que ele gentilmente chamou de interlocução. Nesse processo compartilhamos orientandos, cursos, e a autoria de alguns textos. A escrita, desde o princípio, foi a forma essencial pela qual nos comunicávamos. O livro de Ginzburg em questão é “Léxico familiar”. Nossa perspectiva pessoal captura apenas um fragmento da existência de uma pessoa. Reconheço, assim, a pequenez sincera desta homenagem, ao tomar para mim a fala sobre uma perda que pertence a tantos.



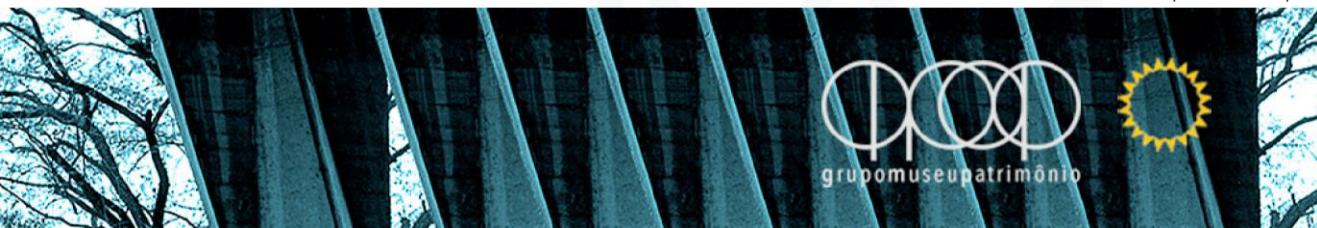
Homenagem a Luiz Recamán

Paulo Antonio de Almeida Sinisgalli

Universidade de São Paulo, São Paulo - SP, Brasil, psinisgalli@usp.br

Homenagem a Luiz Recamán

Ouço Elis, ouço Smiths, e... lembro-me do Luiz. Há um vazio imenso. A sua ida fez presente a nossa finitude. Concreta. Absoluta. Real. Próxima. Tantos momentos, desde a ginástica: o flexível, o amigo, o cunhado, o sócio e o colega. Tantos momentos de convivência e troca. Observações perspicazes. Olhares atentos. Conversas intensas. O roteirista errou. Com certeza. Não tem sentido. Mas para homenagear é preciso lembrar do lado bom. Viagens ótimas, piadas, risadas, passeios, jantares fantásticos, paellas, empanadas, debates políticos, conversas.... Referência na arquitetura. Lembro-me quando contribui na inclusão das figuras da arquitetura moderna brasileira em sua dissertação de mestrado. Uma aula particular e incrível. Devo ao Luiz a concepção da minha casa, com luz, sol e área verde. Aberta, despojada e iluminada. Olhar diferenciado, o cuidado com as pessoas, a discrição do íntimo, a proximidade da compreensão, a força da convicção, a agudez do raciocínio, do comentário preciso, a risada inconfundível. Bons momentos, boas lembranças, sem despedida. E a presença da sua referência como amigo, discreto, reservado, mas muito, muito próximo.



Luiz Recamán

Gavin e Cristina Adams

Universidade de São Paulo, São Paulo - SP, Brasil, gavinadams@riseup.net

Luiz Recamán

A tragédia da falta de Luiz Recamán entre nós traça o percurso de uma geração que, tendo nascido dentro da ditadura e suas escuridões, lançou-se apaixonadamente na jornada democrática cujo ocaso testemunhamos hoje, ilustrando as agruras e alegrias da resistência e do protagonismo transformador de uma juventude que ousou ser capaz de imaginar e propiciar um futuro de liberdade e socialismo. Ao mesmo tempo, a ausência de Luiz sublinha a alarmante paucidade de crítica e imaginação atuais do campo que deveria estar maduro para as (catastróficas, é verdade) aberturas que se rasgam à nossa frente, dentro e fora dos muros da universidade. A geração acadêmica de Luiz é aquela que assiste às mudanças intergeracionais mais radicais desde a fundação das primeiras universidades, com implicações para a geração e transmissão do conhecimento que ainda desconhecemos.

Falar de Luiz no passado parece convidar um certo esmagamento melancólico, pois o espírito crítico e o humor ácido que ele vivia em suas relações parece ser insubstituível e, mais do que nunca, no cenário de crises superpostas em que vivemos hoje, sua verve nos convidaria simultaneamente à crítica severa, à ação política radical e à dança no asfalto da cidade que ele tanto amou. Sua falta nos obriga a fazer da memória a mais generosa guia, ainda que faltosa, inexata e hesitante.

Recordo-me que relatava ao Luiz o avanço do Alzheimer e progressiva perda de memória em nossa mãe, que então ainda reconhecia os filhos e tinha uma noção algo nebulosa da situação brasileira dentro de sua desorganização epistêmica. Lembro que ele disse, entre irônico e severo, “na verdade sua mãe é que está em boa situação, pois ela progressivamente perderá a noção daquilo que realmente se passa. Encare como uma benção!”.

A morte e a ausência são sempre cruéis com quem fica, e o morrer corporalmente do Luiz foi doloroso, injusto e traumatizante para ele e para todos à sua volta. Mas, se emprestarmos a sua indomável rebeldia, poderíamos afirmar que não apenas ele tinha razão em relação à nossa mãe, mas também aos rumos do Brasil, da academia e do projeto daqueles que, como nós, despertaram para a política nos anos 1980 e forjaram suas esperanças cantando nas avenidas centrais da cidade.

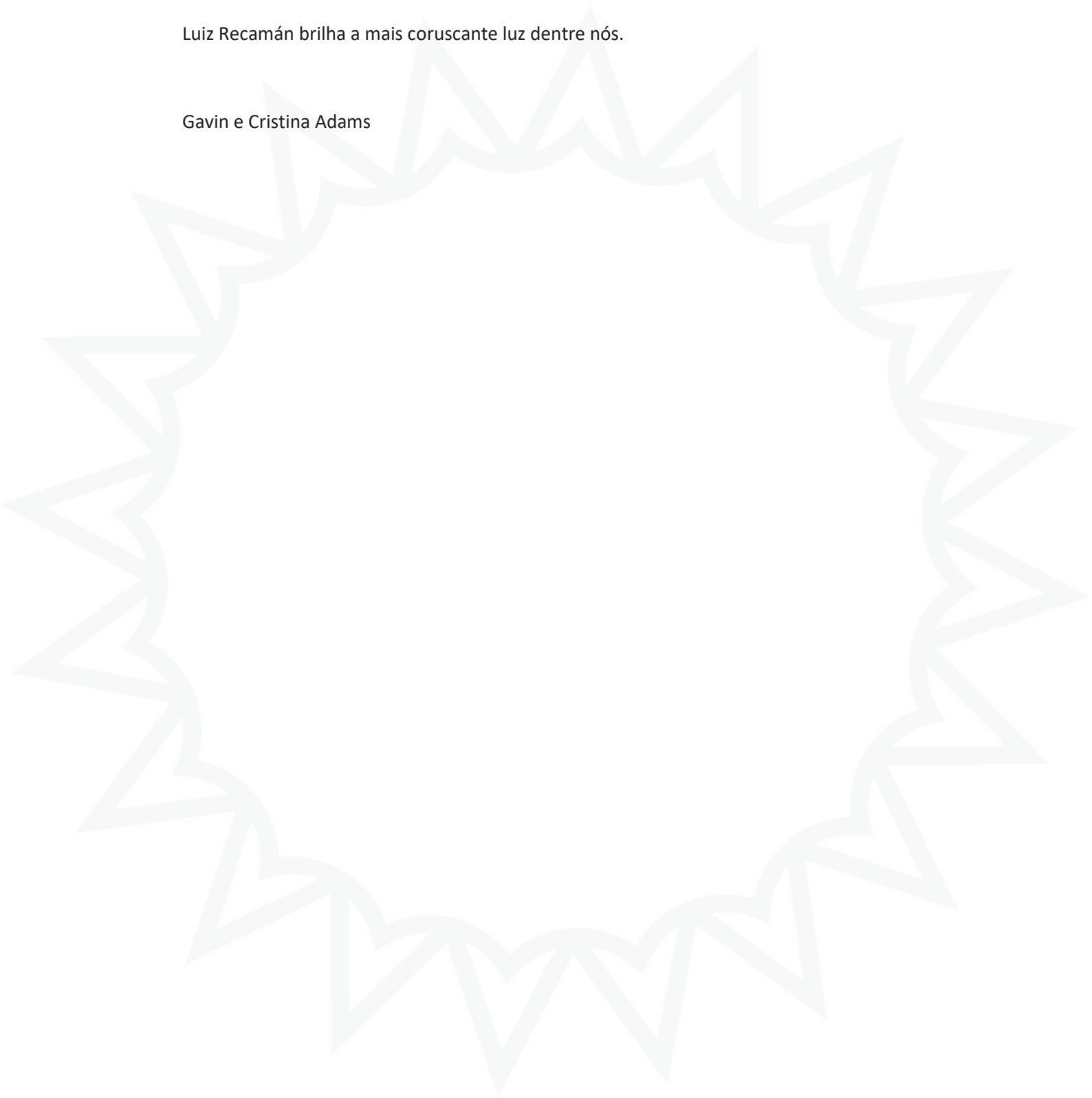
Então por um lado benfazejo faltará ao amigo Luiz a tristeza do testemunho das derrotas e dos rasgamentos nos afetos do Brasil, mas ao mesmo tempo temos certeza de que ele daria tudo, tudo neste universo para poder dizer a todos nós viventes, num sorriso maroto: “Estão vendo? Eu avisei!”.

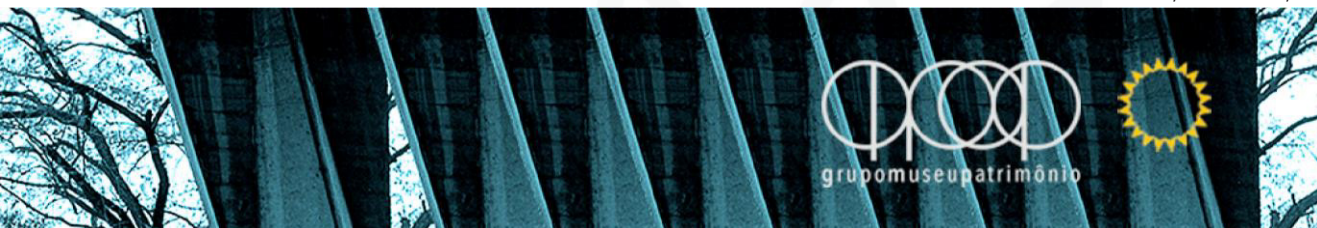
A esperança gulosa e a unanimidade democrática da geração que despertou junto com o Brasil nos anos 80 foi se diversificando e gerando suas contradições conforme avançavam as décadas. As realidades da governança no capitalismo constrangeram em muitos de nós a imaginação rebelde e ousadia intelectuais de muitas boas pessoas. Mas não de Luiz.

Enfim, Luiz encarnou a promessa do pensamento crítico em plena chama, iluminou e fez arder em partes iguais àqueles à sua volta, sério no estudo e na pesquisa, mas abrasante e transformador nas suas interações humanas, realizando o projeto de vida e de existência que era e é nosso.

Luiz Recamán brilha a mais coruscante luz dentre nós.

Gavin e Cristina Adams





O mar é barroco

Suely Campos Franco

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - RJ, Brasil,
suelyfran@gmail.com*

O mar é barroco

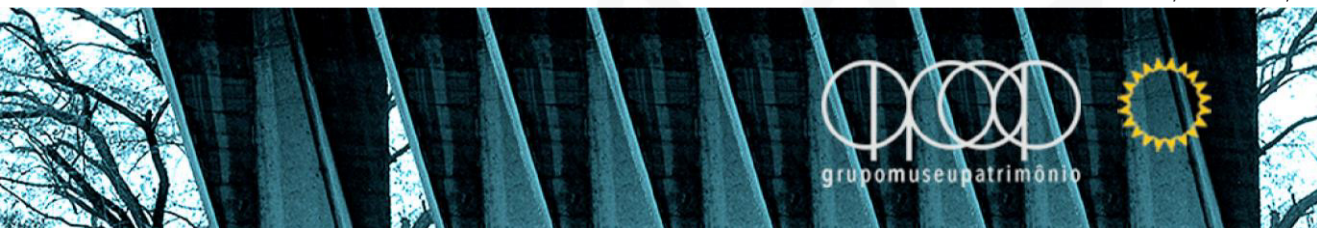
Quando nossos caminhos se cruzaram na antiga Vila Rica em um inverno gelado em 1988, eu e Luiz éramos recém graduados em Ciências Sociais. Ele porém já havia cursado, Arquitetura e urbanismo, ambos na USP e eu apaixonada pela disciplina, já cheia de livros na minha estante. O interesse pela antropologia, pela arquitetura e pela história da arte me levou me inscrever no Curso de Especialização em Cultura e Arte Barroca no Instituto de Artes e Cultura (IAC) da Universidade Federal de Ouro Preto. Eu mineira e Luiz um paulista que adorava Minas. Uma das experiências mais ricas que já experimentei. Lembro de haver notado sua figura, sentado do lado esquerdo da sala encostado na parede : os cabelos claros, curtos e enroladinhos, com um rosto que me fazia (não somente eu) imediatamente pensar nas figuras esculpidas por Aleijadinho nas capelas dos Passos da Paixão do Santuário de Congonhas¹. Já no primeiro trabalho de campo, orientados pelo filósofo da arte Moacir Laterza, formamos um grupo de leitura e trabalhos. Em Congonhas experimentamos o deslumbre com a obra monumental do Aleijadinho - o mesmo deslumbre provocado na Caravana Modernista em 1924. Isaias foi nosso profeta escolhido e durante anos e anos Luiz se referia a alguns textos e exclamações deste profeta sisudo e ameaçador². Não foram poucas as vivências intelectuais e amorosas nos dois módulos do curso (julho e janeiro). Luiz era deslumbrado com a obra arquitetônicas e artísticas dos mineiros barrocos. Dividimos um quarto na Pensão Vermelha, ao lado da Igreja de São Francisco. Ele, Lise (de Salvador) e eu. Muitas vezes abri os olhos e lá estava Luiz, na janela do quarto olhando a obra magnífica do Aleijadinho. Também havia algo de burlesco viver ali: certa noite tivemos que diminuir horas de sono para conseguirmos expulsar um rato infiltrado em nossos aposentos. Ele sempre ria demais ao se lembrar desta história. Nosso grupo do curso se transformou em "Barrocos" e seguimos juntos até hoje. Trocamos muitas cartas e nos encontramos muitas vezes em vários lugares. Luiz sempre foi o nosso elo.

Ao longo da existência da Revista ARA, na qual Luiz Recamán atuou e foi editor-chefe, há artigos, pesquisadores e leitores de arquitetura e urbanismo. Palavras chave como Arquitetura e urbanismo - habitação - espaço social - projeto urbano - urbanismo moderno - representação do espaço - arquitetura moderna - ciências sociais - século XXI povoaram a vida e a atuação acadêmica profissional do Luiz, mas nessas linhas que escrevo para meu amigo que se foi tão cedo e nos deixou terrivelmente desolados, as palavras chave remetem à vida partilhada: cachaça - paella - feijão tropeiro – acarajé – cajuroska - Tiradentes - Ouro Preto – irmandades - Atayde - Aleijadinho - rococó- barroco - ouro - cornija - voluta – - Laterza - Sonia Viegas – Myriam Ribeiro – Caio Boschi - Harry Crowl – Ana Parsons - chafariz – século XVIII- triunfo eucarístico – Pilar – celebração - Resíduos Seiscentistas - ladeiras - Lise Ane Silvany - Ulisses Lins - Fernanda Magalhães - Guiomar de Grammont - Arnaldo de Almeida- Leonia Chaves - Isabel Câmara ...

Luiz mora em mim. Barrocamente. Para sempre.

¹ O artista mineiro Aleijadinho (1730-1814), realiza o conjunto de esculturas monumentais que marcaria definitivamente sua obra :12 profetas esculpidos em pedra-sabão de tamanho quase natural, feitos para o adro dianteiro do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos.

² Profeta Isaias. Santuário do Bom Jesus de Matosinhos. Pedra sabão em dois blocos, 201cm. (1800 – 1805). Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, Congonhas, MG. (1757 – 1805). O profeta traz consigo um filactério, no qual está inscrito: "Depois que o serafins celebravam ao Senhor, um deles trouxe aos meus lábios uma brasa tenaz." Isaias, cap. 6.



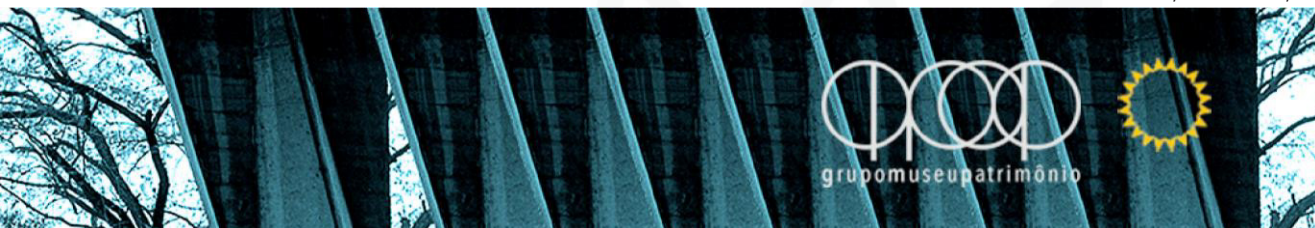
Presença de Recamán

Givaldo Luiz Medeiros

*Universidade de São Paulo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, São Carlos -
SP, Brasil, givaldo@sc.usp.br*

Presença de Recamán

Anos 1980, distendida a “dita cuja”, a arquitetura refigurava no centro das atenções, em defasada assunção como expressão cultural, consoante a difusão global de textos e obras eclipsados, reunindo a um tempo de Rossi e Venturi a Eisenman e Koolhaas. Na FAU-USP, pós, tardos ou neos, simulacros e desconstruções à vista permeavam as discussões, enquanto as aulas de Otilia Arantes sobressaíam ao adensar o incipiente debate, revelando a instrumentalização política da arquitetura, entrementes os pós-modernismos ou qualquer modernidade inconclusa. Dentre os que se sensibilizaram ante as contradições da ideologia do lugar após os modernos, Recamán foi o mais brilhante. *Nem arquitetura nem cidades*, posfácio a *Urbanismo em fim de linha* explana liames comuns ao projeto moderno e à cultura simulada na dissolução da vida pública nas cidades. A marcante presença a seguir no IAU-USP permitiu acompanhar seu desenvolvimento crítico. Algo dessa passagem persiste. Em 2019, no encerramento da *V SemanAU*, pautada em Lefebvre, demarca a impossibilidade da apropriação criativa nas cidades contemporâneas, dado o “quão longe nós fomos na destruição do urbano” e a urgência de uma crítica interna à arquitetura, não sem antes flagrar que a classe média ressentida, à margem do processo neoliberal, formulava uma resposta errada à pergunta certa: cadê a sociedade? Confira: <http://repositorio.iau.usp.br/handle/RIIAU/333>



Um sol...

Lizete Maria Rubano

*Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo - SP, Brasil,
lmrubano@gmail.com*

Um sol...

O professor Luiz Recamán, amigo e referência de todos nós, sempre foi um sol.

A Universidade de São Paulo é a mais importante universidade da América Latina e há a indiscutível produção de conhecimento que ela implementa e que comemoramos.

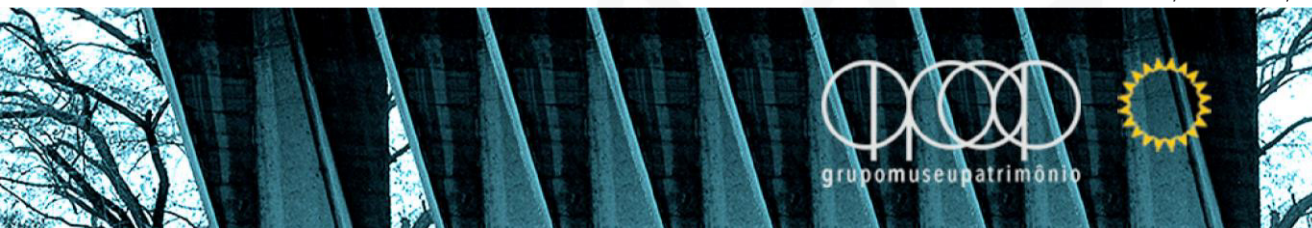
Nela está o professor Luiz Recamán ... brilhante, preciso, com uma contribuição teórica rara, singular e fundamental no nosso campo disciplinar.

Mas, para além dessa contribuição – reconhecida e celebrada – há o Luiz professor que formou tantos alunos e alunas, deixando referências de um pensamento crítico contundente em todos os nós.

Esses alunos estão hoje representados por Christian A.C. do Nascimento e Denilson C. Colque, que nos mostraram – ao longo de todo esse processo de confecção do livro *Problemas do projeto e da cidade: o pensamento crítico de Luiz Recamán*, GFAUD, FAUUSP, 2024 – que ensinar, aprender, trocar, ainda é uma das mais valiosas tarefas que temos pela frente.

Luiz Recamán presente...em todos nós!

Lizete Maria Rubano. Novembro de 2024



NEC: o coro-caracol semeado por Luiz Recamán no IAU-USP

Ruy Sardinha Lopes

*Universidade de São Paulo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, São Carlos -
SP, Brasil, rsard@sc.usp.br*

Carolina Akemi Morita Nakahara

*Universidade de São Paulo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, São Carlos -
SP, Brasil, morita.akemi@gmail.com*

NEC: o coro-caracol semeado por Luiz Recamán no IAU-USP

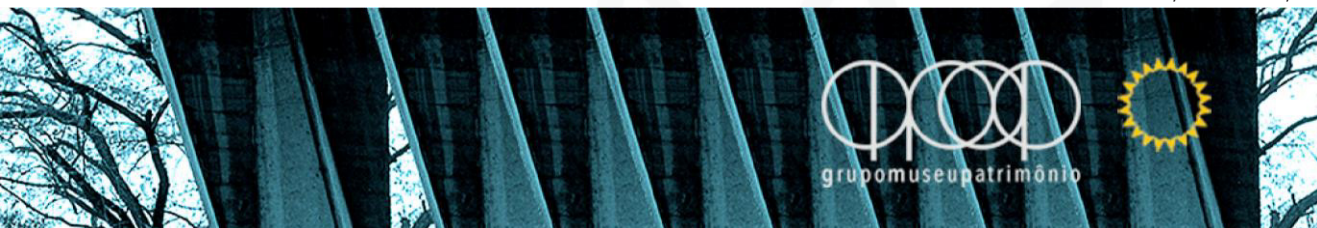
Otávio Paz dizia que a poesia é uma operação capaz de mudar o mundo, é revolucionária por natureza; é oração, prece ao vazio, convite à viagem, diálogo com a ausência, magia. É um “caracol que ressoa a música do mundo”.

Em certo sentido, o grupo de pesquisa NEC foi vislumbrado, em 2006, por Luiz Recamán e Ruy Sardinha - professores do que se tornaria o atual Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU-USP) - como um modo de dar vazão a esta música do mundo que ecoava e inquietava. Formulado inicialmente como um grupo de estudos de estética e arquitetura (GEA), as discussões sobre o Belo, o Sublime e o Horror à luz da cena contemporânea marcaram a retomada da interlocução e aflições que os dois amigos e professores mantinham desde o tempo da graduação na FFCLH, inspirados pelas lentes de Otília Arantes, que mais tarde viria a se tornar a orientadora de ambos.

No começo, era aquela espécie de diálogo com o vazio; em algum momento, as vozes-solo haveriam de se transformar em coro. A poesia tem esse tanto de fé mesmo.

Hoje, quase 20 anos depois, o NEC - Núcleo de Estudos das Espacialidades Contemporâneas - viu florescer essas sementes carinhosamente plantadas e podemos dizer, com uma boa dose de alegria e orgulho, o quanto esse coro-caracol compõe-se já em uma canção sólida, cuja melodia entremeia-se por diversas vozes e arranjos. Mas é praticamente com a mesma dose invertida em desalento, que prestamos nossa homenagem àquele que foi um dos idealizadores do grupo, o nosso querido Luiz Recamán.

Com esse misto de tristeza e inconformismo, de carinho e saudade, manifestamos aqui, em nome do NEC, nossa profunda e eterna gratidão ao nosso querido Luiz Recamán, com a confiança de que seus ensinamentos, suas palavras e seu jeito de ser - sua poesia, enfim - continuarão ecoando das mais ricas e diversas formas em todos nós.



Professor, orientador, amigo, mestre

Carolina Akemi Morita Nakahara

*Universidade de São Paulo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, São Carlos -
SP, Brasil, morita.akemi@gmail.com*

Professor, orientador, amigo, mestre

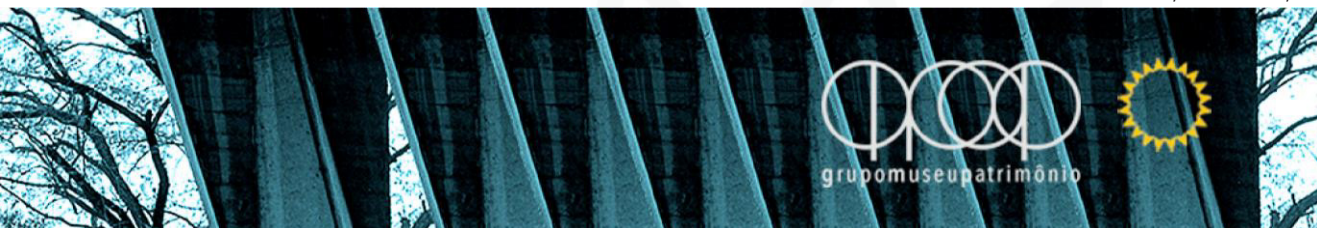
Recamán, como os alunos costumavam chamar, foi professor em São Carlos de 2003 a 2010. Era conhecido e lembrado, mesmo anos após sua saída do IAU, por suas aulas eloquentes e profundas, seu humor preciso, sua generosidade na relação com os alunos e orientandos, sua humildade no tratamento com as pessoas. Era certo consenso a menção ao Recamán como um dos professores mais brilhantes e sensíveis que o IAU já teve.

Suas orientações eram sempre momentos de verdadeiras sínteses e lampejos - ele era capaz de organizar aquele caos presente em cada microcosmo de inquietações - comuns em pesquisas acadêmicas - em um raciocínio linear; em linguagem, afinal. Assim, conseguia lapidar em nós nossa própria potência e ajudava-nos a entender nossas próprias angústias.

Suas palavras, proferidas em aulas, conversas ou orientações, impactavam para muito além dos limites da sala ou do universo acadêmico: elas levavam muitos de nós, com um misto de admiração e estupefação, a questionar nossa relação e papel neste mundo que se apresenta tal como está. Pois é certo que elas causavam um descentramento de nós mesmos, absolutamente necessário para que qualquer transformação se torne possível.

Foi certamente uma das pessoas a quem mais devo em termos de formação acadêmica e intelectual, tendo me acompanhado por quase 20 anos: foi meu orientador na graduação, mestrado, coorientador no doutorado e um verdadeiro mestre em meu ingresso como docente do IAU-USP. Como eu disse a ele, tomando emprestada a poesia do Gilberto Gil: "você foi um dos professores que tiveram FÉ em nós, eternos alunos".

Por isso minha enorme gratidão por ele extrapola os limites formais do ensino acadêmico. É uma gratidão para a vida mesmo. E agora uma imensa saudade e um carinho sem fim.



Desse jeitinho

Regina R. Félix

University of North Carolina Wilmington, Wilmington, Estados Unidos, felixr@uncw.edu

Desse jeitinho¹

*Antecipaste a hora.
Teu ponteiro enlouqueceu, enlouquecendo nossas horas.
(Carlos Drummond de Andrade)*

Figura 1: Alan Durham, Luiz Recamán, Beatriz Sinisgalli, Viena, 1989



Foto: Regina R. Félix

A primeira lembrança de nós me leva ao palco do Ballet Stagium na Rua Augusta. Éramos Beatriz Sinisgalli e tu; Alan Durham e eu. E nossos caminhos estavam mais entrecruzados do que imaginávamos: nos descobrimos também na FFLCH, USP. Compartilhamos aulas nas Ciências Sociais, e nós quatro, passeios paulistanos encantados. Viagens quase semanais ao Guarujá, a Campos do Jordão. E mais Ilhabela, Imbassaí, Itacaré, Ouro Preto, Paraty, Pouso da Cajuíba, Praia do Forte, Rio de Janeiro, Salvador, Tiradentes, uma volta pela Europa em 40 dias de irreverência, graça e inspiração. Tu: generoso anfitrião, chef epicurista, dramático, “desse jeitinho”—ternura em tudo. Numa troca de olhares, a cumplicidade intuitiva, as tiradas espirituosas, muitas risadas e conclusões magistras sobre tudo: de receitas do pudim Souza Leão ao receituário do Fórum Social Mundial. Sumido do zap? Por onde andas?

Escrevi em dezembro de 2023. Nada de mais... encerrando o semestre... chocado com Gaza... sinal de crise dessa tal humanidade... fiz uma galinhada para 17 pessoas. Mas, estoico, já apresentavas sintomas, eu soube depois. Em 10/03/2024, que eu não sabia era a data do nosso adeus, o Trump leva? perguntaste. Pode acontecer, admiti. Primeiro meu pai, depois meu irmão, agora eu, confidenciaste. Em uma hora e pouco, toda a nossa vida expressava seu instinto de sobrevivência por meio da tua desenvoltura costumeira e da minha incredulidade; a finitude era impenetrável, inaceitável; tu eras o mesmo ali, diante de mim. E tampouco eras o mesmo. Temendo lacrimejar banalidades diante da realidade terrificante, me despedi com um beijo na ponta do teu nariz. Agora te conto que neste 6/11/2024 o impossível excepcional foi mais que provável. E nossa solução para essas distopias do capitalismo tardio anárquico continuará sendo como sempre uma mesa

¹ Em sua aula na TV UNESP, assim Luiz Recamán descreve a casa de Vilanova Artigas aos 35:13 minutos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kVPT36_pBgc&t=2060s

grande e farta rodeada de amigos. E no entanto, ainda o indizível, meu amor, meu irmão...
“De repente do riso fez-se o pranto/Silencioso e branco como a bruma/...Fez-se do amigo
próximo o distante/Fez-se da vida uma aventura errante/De repente, não mais que de
repente” (Vinicius de Moraes).

Figura 2: Beatriz Sinisgalli, Luiz Recamán, Regina R. Félix, Europa, 1989



Foto: Alan Durham

Figura3: Luiz Recamán, Regina R. Félix, Alan Durham, Europa, 1989



Foto: Beatriz Sinisgalli

Figura 4: Luiz Recamán, Beatriz Sinisgalli, Regina R. Félix, Alan Durham, partida do Pouso do Chico
Rei, Ouro Preto, 1988



Fonte: acervo da autora

Figura 5: Iluminados pelos holofotes da Igreja São Francisco de Assis. Luiz Recamán e Regina R. Félix, Ouro Preto, 1988

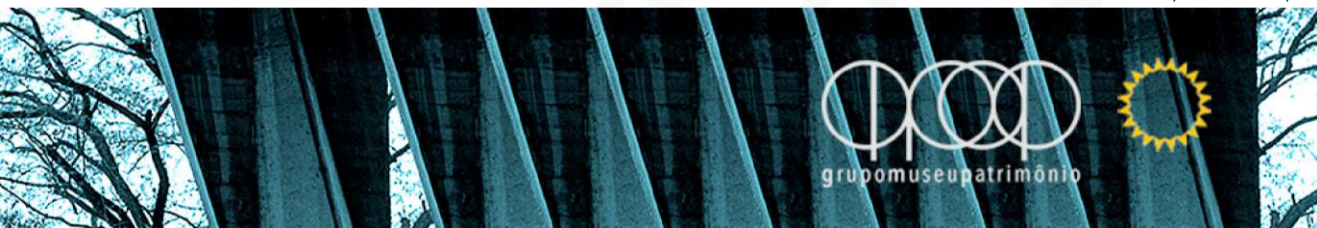


Foto: Alan Durham

Figura 6: Luiz fazendo uma de suas famosas paellas em sua casa na Alameda Franca, São Paulo, 2019c.



Foto: Regina R. Félix



O sino Elias

Maria Leônia Chaves de Resende

*Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei - MG, Brasil,
leonia@ufsj.edu.br*

O sino Elias

O sino Elias não soa por qualquer um. (...) tem ordem de se calar, e toda a cidade, muda, é som profundo no ar, um som que liga o passado ao futuro, ao mais que o tempo, e no entardecer no escuro abre um clarão. (...) Ao sopro do sino Elias, nossa vida, nossa morte, nossa raiz mais trançada, nossa poeira mais fina, esperança descarnada, se dispersam no universo!
(Sino, Carlos Drummond de Andrade)

Figura 1: Ulisses, Suely, Maurício, Luiz, Leonia e Fabiano, Ouro Preto, 1988



Fonte: acervo da autora

Não creio que nenhum de nós imaginava as marcas que brotariam daquela temporada em Ouro Preto, quando nos encontramos no curso sobre Sociedade e Cultura Barroca da FAOP e muito menos que seríamos atravessados por um convívio tão afetuosos, ainda que à distância, por décadas. Éramos jovens, impetuosos, curiosos nos debatendo (e até nos deleitando) com a dualidade cravada em terras mineiras: espírito, matéria; emoção, razão; bem, mal; divino e carnal.

Temos muitos registros sensíveis dessas memórias compartilhadas, naqueles tempos em que Suely e Fernanda clicavam, com suas câmeras inquietas e olhares acurados, os nossos sonhos, ousadias e toda irreverência que acabaram por nos guiar mundo afora. Assim, cada um viveu em plenitude vidas atrevidas e transformadoras, no plano pessoal, mas não só...

Fomos ungidos por um batismo coletivo naquele santuário de Aleijadinho, em Congonhas do Campo, com a teatralidade e exuberância performáticas de Lise e sob a profecia de Isaías: "Ai daqueles que juntam casa com casa e emendam campo a campo, até que não sobre mais espaço e sejam os únicos a habitarem no meio do país. (5:8)". Fomos vigilantes pelo senso de justiça social, o sentido de empatia humana e os laços de solidariedade e fraternidade. E, seguimos percursos acadêmicos, acompanhando a doce e envolvente Guiomar, para quem "ler pode nos tornar humanamente perigosos". Sim, fomos perigosamente humanos porque fomos libertários!

Luiz era o nosso elo, uma conexão tecida pela sua inteligência brilhante combinada à sensibilidade extraordinária! Foi quem nos uniu em vida e também nos reuniu na partida. Até nisso foi cativante e único! Viveu e morreu com dignidade, assim como Cícero que, também como Luiz, era Antônio. E naquele instante, no meu coração, o sino Elias ecoou, dobrando por três vezes na Igreja N. Sra. do Carmo e silenciando Ouro Preto enquanto Luiz dissipava no universo.

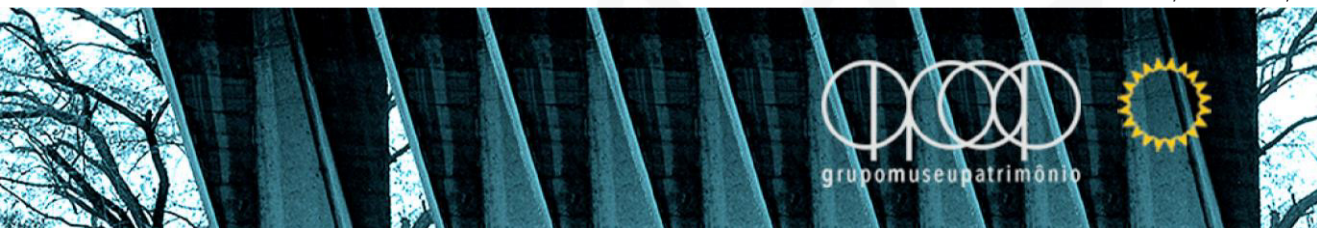
Figura 2: Luiz, Suely, Lise, Leonia e Ulisses, Ouro Preto, 1988



Foto: Fernanda Magalhães

Ele seguirá conosco por tudo o que aprendemos. Afinal, a morte não precisa ser sentida como agonia, mas também a oportunidade para se libertar do labirinto da vida. Luiz, centelha de luz, seguirá sendo nossa companhia no *chiaroscuro* dos dias porque em tudo e a todos sempre iluminou.

por Maria Leônia Chaves de Resende



Luiz, Luz, Lucidez

Guiomar de Grammont

*Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto - MG,
Brasil, letras.ouro@gmail.com*

Luiz, Luz, Lucidez

Figura 1: Luiz, apresentação de trabalho sobre Os Profetas de Aleijadinho, Congonhas do Campo, 1988



Foto: Fernanda Magalhães

Eu poderia falar do Luiz como um intelectual respeitado, de inteligência fulgurante, que se revelava nas perguntas que propunha nas aulas do “Curso Barroco”, que fizemos em um tempo que agora me parece tão perto e tão longe, nessa vida fugaz, em que o passado vai encostando no presente. Sem perceber, vamos passando também, caminhando para o insondável. Porém, o Luiz de que mais me lembro é o garoto de olhos brilhantes, que me observava com um sorriso luminoso quando nadávamos todos juntos na cachoeira de Lavras Novas, nus, livres, inteiros, descobrindo o amor, a sexualidade, o mundo. Foi um dia perfeito, um dos mais bonitos da minha vida, coroado pelo balé de um casal de gaviões flutuando no céu, quando voltávamos para casa. O carro serpenteava pelas montanhas e não sabíamos que a vida era tão breve, breve como um suspiro de amor.

Figura 2: Guiomar, desconhecido, Luiz, Suely e Lise, 1988



Foto: Fernanda Magalhães

Vivíamos, naquele momento, o “Barroco da Alegria” de Moacyr Laterza: uma espécie de epifania que acontecia nas madrugadas de Ouro Preto, nas noites com fantasmas flutuando nos cemitérios, das quais participei menos do que eu gostaria. Nossas aulas culminaram com uma viagem a Congonhas, onde deveríamos escolher um profeta e fazer sobre ele intervenções poéticas, artísticas ou acadêmicas. Lembro menos do que fizemos, do que da atmosfera de fraternidade criativa que nos unia sob a batuta daquele mestre nada convencional. Esse encontro se eternizou na dança de Lise sobre os muros de Congonhas, embrulhada em lençóis, como um presente dos deuses. Impávida, bela como uma sacerdotisa grega, aquela Lise se eternizou em nossas lembranças.

Figura 3: Lise Silvany, apresentação de trabalho sobre *Os Profetas de Aleijadinho*, Congonhas do Campo, 1988



Foto: Fernanda Magalhães

Dentre as amigas mais próximas, fui a que menos interagi com Luiz. Havia um nervosismo, uma zona de timidez entre nós, talvez porque fôssemos, de certa forma, naquele tempo, pássaros presos, esperando que nossas asas estivessem prontas para voar. Mas pairava uma admiração profunda e, até o fim, acalentamos o carinho mútuo de quem viveu uma infância tardia e curta como uma revolução solar. Uma infância em um mês. Recordo que quando voltamos para mais um mês do curso intensivo de especialização em Cultura e Arte Barroca, no semestre seguinte, eu estava arredia, com preguiça de estar ali, e ele me compreendia. Sabia que não podia ser da mesma forma, que não voltaria aquele lampejo de vida, aquela comunhão profunda que experimentamos, nós, pequeno grupo que se deleitava com os monumentos sob o lirismo da marijuana. Ele entendia tudo, numa sensibilidade eivada de razão, uma lucidez que não vi em ninguém mais no mundo.

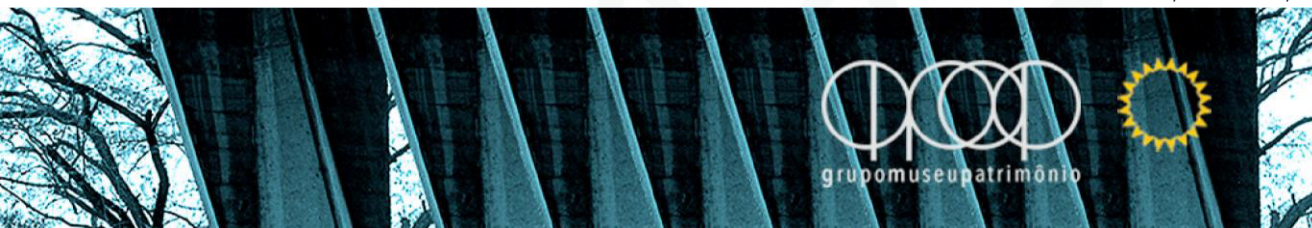
Há músicas daquela época que não consigo ouvir sem experimentar uma nostalgia profunda. Voltam as festas à luz de velas na minha casa, as danças e risos. Uma canção de Sting, que ouvíamos até arranhar o disco de vinil, me transporta como um tapete mágico, para aquele tempo de leveza, que não voltará mais.

Luiz também não voltará. À distância, por pudor ou para evitar o sofrimento, fiz tentativas vãs de retê-lo, como se tivesse o direito de convencê-lo a se permitir viver prisioneiro de um corpo. O que eu faria sob o peso de uma condenação como essa? Não iria querer partir também? E não iremos todos um dia? Ele foi apenas o primeiro de nós que se foi.

E essa troca tão linda que tivemos, nos últimos anos, de pensamentos, textos, imagens... em um grupo de whatsapp, "os barrocos", do qual eu me sentia privilegiada de fazer parte e, ao mesmo tempo, culpada por não ser tão participativa, em minha vida de trabalho incessante. Luiz fez parar tudo, suspendeu o tempo. Foi um choque que nos mostrou que tudo pode mudar, de uma hora para outra. Logo ele, que parecia destinado à felicidade, parecia ter tudo que um ser humano pode almejar para ser feliz. Mas existe a felicidade? Ele colocou em xeque as nossas convicções, paralisou nossas procuras. Tudo que buscávamos não tinha mais significado diante daquele diagnóstico terrível.

Quem é Luiz hoje para mim? Luiz é a minha morte. Aquela que ainda virá, que é impossível deter. Sua partida abriu uma zona de luz entre as meninas que o amaram. Ficamos todas muito vulneráveis, espirituais, próximas umas das outras.

Luiz se tornou o amálgama que nos liga para sempre.



Luiz Recamán: surpreendente sempre

Maria Cecília França Lourenço

Editora do Dossiê revista ARA FAU USP, São Paulo - SP, Brasil, mcfloure@usp.br

Luiz Recamán: surpreendente sempre

“Sábio, sereno, bom amigo, inteligente, gentil, sério, estudioso, discreto, operoso, em especial professor adorado e adorável”. Esta adjetivação não reside usualmente em meus textos e eu as enviei a Luiz Recamán, o caro editor da *Revista ARA FAU USP*, em 27 de dezembro de 2023, após ele me dizer que ficara recluso no Natal com seu filho Gabriel. Em resposta, o colega se dizia “esperançoso”. Infelizmente ele *descansou ontem, 30 de agosto de 2024*. Não raro, eu encontrava jovens que, com ar desafiador, me inqueriam: o que levou a FAU USP a me privar de meu caro professor? Ontem em meu WhatsApp vários se manifestaram e transcrevo apenas trechos “[...] um professor importante para mim [...]. Eu estou chocado [...]”.

Conheci nosso amigo, em Concurso para docente em São Carlos/SP e fiquei deslumbrada com um jovem dotado de ampla produção em ensino, pesquisa e extensão universitária, fatores vitais para qualificar um docente singular. Cedo formou alentado currículo e passagem por várias cidades, além da capital paulista. Envolveu-se com o coletivo em Conselhos, Direção, Comissão e como Editor da *Revista ARA USP*. Sempre com um olhar sereno e meditativo, parecendo elaborar muito antes de falar. Em nossa longa convivência, ele espalhou sabedoria e sou grata, pois, muito aprendi. Como Editora e pensando em efetuar o rodízio na *Revista ARA* consultei colegas, sobre quem melhor se apresentava para a função e sem hesitar nomearam Recamán.

Ainda na Graduação da FAU USP (1979-83) Luiz soube olhar com lente crítica e viver fortemente! Prestou Ciências Sociais/ USP (1981-7) e cursou-as ao mesmo tempo. A primeira Conclusão universitária versou sobre “Reurbanização da Favela da Água Branca”, orientado pela colega Suzana Pasternak. Seguiram especializações e na pós-graduação da FFLCH/ USP abordou a arquitetura, sob orientação de Otília Arantes e no doutorado, sob direção de nosso caro membro do Conselho Editor, Celso Favaretto. Nesta etapa introduziu questões críticas constantes em sua farta produção, ou seja forma, arquitetura e cidade. Seus inúmeros textos permanecerão e na *Revista ARA FAU USP* poderão reviver estudos, inquietações, dignidade acadêmica, assim celebrar a vida do querido Recamán, espelho para tantas gerações. Ciça